

---

## Linguística e Ciência da Literatura\*

François Rastier\*\*

Tradução de Ivã Carlos Lopes

---

**Resumo:** Embora a descrição da literatura não se reconheça como participante da tradição gramatical, as ciências da linguagem e da literatura tornaram-se vizinhas em meio ao continente das ciências da cultura desde o advento da linguística, há cerca de dois séculos. Sua convivência acabaria sendo, porém, negligenciada mais tarde pelas gramáticas formais e pelo cognitivismo ortodoxo. Mas, como a semiótica das culturas se apoia em conquistas teóricas procedentes do método comparativo e aprofundadas pelo estruturalismo, é possível conceber uma linguística dos textos que se expanda em direção a uma ciência das obras. Os estudos linguísticos e literários têm, sem dúvida, muito a ganhar com a intensificação de suas interações dentro do vasto território das ciências da cultura.

**Palavras-Chave:** linguística comparada; literatura; estruturalismo; gramática; semiose; semiótica das culturas.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.174819> . Texto original publicado em 2019 como capítulo de livro coletivo. RASTIER, François. Linguistique et science de la littérature. In: STANOJEVIĆ, Veran; VINAVER-KOVIĆ, M. (éds.). *Les Études françaises aujourd'hui* (2018). Interactions dans les Sciences du Langage. Interactions disciplinaires dans les Études littéraires. Actes du colloque tenu les 10 et 11 novembre à la Faculté de Philologie de Belgrade. Belgrade : Faculté de Philologie de l'Université de Belgrade, 2019. 21–32. (ISBN 978-86-6153-608-3). O tradutor agradece aos organizadores da edição original pela gentil autorização para esta publicação na revista *Estudos Semióticos*, assim como ao autor pela revisão do texto final em português.

\*\* Diretor de pesquisas do CNRS, docente do INALCO, Paris, França. Endereço para correspondência: [frastier@gmail.com](mailto:frastier@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3397-2274> .

## 1. Limites da problemática lógico-gramatical

Quando de sua fundação intelectual pela Escola de Alexandria, a gramática era uma disciplina ancilar para o projeto filológico de constituição de *corpora* literários, entre os quais, antes de mais nada, o *corpus* homérico. Procedente dessa "escola", Dionísio o Trácio é reconhecido como autor do primeiro tratado de gramática que se conservou até a época atual, no qual aparecem as categorias fundamentais de nossa tradição, em especial as partes do discurso, cuja ordem e cujo número permaneceram invariáveis, até Chomsky inclusivamente. Ao final de seu tratado, ele assinala que a mais bela parte da gramática é a crítica das obras, crítica ao mesmo tempo filológica e estética.

Essa dimensão será, por infelicidade, negligenciada na tradição escolar que então se inicia, pois a gramática irá tornar-se uma disciplina propedêutica, a primeira do *trivium*, ensinada às crianças mais jovens<sup>1</sup>. As questões estéticas só eram discutidas no encerramento do ciclo de estudos, com a classe de retórica. Nela, não se tratava mais de aprender regras universalmente válidas para formar as frases corretas de uma linguagem comum que se denominava "linguagem pedestre" (*sermo pedestris*), mas, ao contrário, de identificar e caracterizar obras singulares que ilustravam uma exemplar "linguagem alada" (*sermo alatus*).

Até a formação da linguística, as reflexões sobre a linguagem (no Ocidente como em outros lugares também) dividiam-se, no geral, em três partes: a gramática, escolar e centrada numa língua de cultura e/ou de religião (sânscrito, árabe corânico, grego clássico homérico, latim); uma lógica filosófica, ilustrada sobretudo pelos grandes tratados escolásticos sobre a linguagem e o espírito; uma hermenêutica literária ou religiosa com função educativa ou mesmo edificante, a partir das interpretações estoicas de Homero.

Baseadas numa crítica da ontologia, as teorias retóricas de humanistas como Lorenzo Valla, Luis Vives, Erasmo ou Giordano Bruno teriam permitido uma mudança radical de problemática. Foram, por isso mesmo, marginalizadas pela tradição universitária, infensa à crítica radical da concepção lógica da linguagem partilhada pelos gramáticos e dialéticos.

Tradicionalmente dominante nas ciências da linguagem, a problemática lógico-gramatical segue a entrar a compreender as relações entre linguística e literatura. A gramática privilegiou sempre as regras, identificando-se com sua pesquisa, formulação e articulação, até chegar a postular que existe um único sistema da língua. Um método polissistemático pareceria preferível: as regularidades observadas em determinados domínios de estruturação, como a sílaba ou o sintagma, não formam sistema, pois estamos diante de diferentes

---

<sup>1</sup> A iconografia mostra as crianças, aqui e ali, sob a ameaça da vara ou até mesmo sendo surradas em público, tal como se vê na igreja Santo Agostinho de San Gimignano. Muitas vezes, a gramática é representada como uma professora carrancuda e punidora.

escalas e graus de organização (Rastier, 1987, cap. 3). Quaisquer que sejam as políticas de otimização, as interações entre sistemas locais determinam em parte as condições internas de sua evolução, ao passo que as determinações externas provêm de instituições sociais outras que a língua.

Ademais, a gramática visa, por assim dizer, ao "sem-erros": toda frase em português deve obedecer a suas regras e é esse acatamento que lhe permite como tal ser reconhecida, sem o que seria excluída como agramatical. E não é raro, como se viu com Chomsky, Šaumjan ou Montague, que as gramáticas se pretendam universais, manifestando as regras da mente humana, sob os auspícios da simplificadora silepse entre o *logos* como concatenação racional, de que deriva o próprio nome da *lógica*, e o *logos* como discurso ou sequência linguística. É verdade que os estoicos distinguiram o discurso interno, discurso da racionalidade (*logos endiathétos*), do discurso externo (*logos prophorikos*). Ambas as acepções, contudo, remetem uma à outra, de tal maneira que o sufixo *-logia* continuou a designar um discurso de conhecimento (meteorologia, farmacologia, etc.).

Para formular regras, a gramática privilegia as formas de organização mais recorrentes, cuja distribuição é uniforme, logo, aquelas que constituem o "fundo" da organização estrutural do material linguístico. As formas complexas, porém, que se destacam sobre esse fundo morfossintático escapam-lhe em virtude de sua própria complexidade, pois elas não se deixam apreender por nenhuma de suas categorias, e talvez nem sequer por um pensamento simplesmente categorizante: sendo não discretas, elas fogem ao apodíctico daquilo que Jean-Claude Milner denominava "diferencial sintático" e, por conseguinte, à oposição entre gramatical e agramatical.

Não seria por isso, entretanto, que se condenaria a gramática, uma vez que esta assume esses limites e não toma por meta a descrição das formas textuais nem de suas evoluções. Por outro lado, a linguística dos textos e os estudos literários compartilham o objetivo, no seio de *corpora* definidos, de diferenciar os textos entre si e, no interior de cada um destes, de caracterizar as formas semânticas e expressivas, descrevendo-lhes a evolução.

## 2. Formação da linguística e construção das ciências da cultura

Anteriormente ao advento da linguística, os gramáticos não menosprezavam as considerações sobre obras literárias e costumavam recomendar os bons autores; os escritores, por seu turno, tinham todos alguma formação nas línguas antigas, de sorte que o conhecimento das línguas e o das obras avançavam juntos no âmbito das Letras.

Tais relações alcançaram um novo patamar com as Luzes e a formação das ciências da cultura, ao final do século XVIII, por ocasião da criação da linguística

e da literatura comparadas. Linguistas e filólogos tratavam de estabelecer *corpora* escritos, principalmente literários, como o dos trovadores, reconstituído e editado pelos romanistas alemães, à frente dos quais os irmãos Schlegel.

A partir de então, a linguística ultrapassou as virtuosas simplificações didáticas da gramática escolar. Se a gramática se havia desenvolvido ao longo de vinte séculos, a linguística comparada renovou o estatuto das reflexões sobre a linguagem e as línguas. A gramática ampliou-se em gramática comparada; a literatura deixou de contentar-se em propor os exemplos dos bons autores e, com a literatura comparada, é uma ciência da literatura que vai lançar seus fundamentos. Linguística comparada e literatura comparada serão vizinhas dentro do continente novo que se constitui com a edificação das ciências da cultura, projeto que, no essencial, devemos ao Iluminismo. O estudo das línguas converte-se então numa disciplina nobremente auxiliar para o estudo dos textos, aí compreendidas as obras literárias. Até Saussure e para além dele, os estudos de língua e literatura caminharão emparelhados, tanto para a constituição quanto para a interpretação dos *corpora*. Linguística histórica e literatura comparada, de resto, passam a compartilhar as exigências impostas por sua metodologia crítica.

Essa situação nascente veio a ser, contudo, eclipsada de múltiplas maneiras, ora por uma concepção mística da linguagem, ora por uma redução da linguística à gramática. A mística romântica da linguagem, que deve muito às especulações teosóficas de autores como Jacob Böhme, propagou a ideia de que a literatura, e sobretudo a poesia, era uma língua transcendente, eco da linguagem divina. Tal crença, que reencontramos de Hölderlin a Novalis, perpetuou-se no Romantismo tardio, em alguns círculos de poética russa, bem como no idealismo de Croce (no qual se inspirará em parte Coseriu) e até mesmo nas últimas obras de Meschonnic, atravessadas por um sopro bíblico. Para Heidegger, a poesia dá testemunho dos deuses mortos e é por meio dela que se revela sua linguagem – a qual se resume, na verdade, à língua alemã arcaica, purificada e idealizada. Dessa maneira, o Romantismo tardio, de que ainda somos herdeiros, contrapôs as ciências às artes, minimizando o projeto de conhecimento das primeiras e privilegiando as efusões sentimentais da *Einführung* literária, hoje prolongadas em certas estéticas da recepção. No campo dos estudos da literatura, a corrente desconstrucionista ambicionou invalidar toda e qualquer abordagem científica, inclusive as simplesmente objetivantes.

Outro mal-entendido entre a linguística e os estudos literários é aquele que procurou restringir a linguística à gramática, como tantas vezes se tem feito. Assim, há mais de meio século, as gramáticas universais e a linguística cognitiva romperam todos os laços com os *corpora* literários. Mediante novos formalismos, elas retomaram os princípios das gramáticas gerais que haviam precedido a formação da linguística (ver Chomsky, *Cartesian Linguistics*, 1966). O objeto da linguística já não são as línguas: é a gramática (cf. Chomsky, 1984). Os textos, e

sobretudo a literatura, desaparecem das preocupações dos linguistas, bem como do próprio objeto da linguística. Com as gramáticas universais contemporâneas, acentua-se a rejeição aos exemplos literários, em proveito de exemplos tão prosaicos quanto forjados. De mais a mais, a filosofia da linguagem, à semelhança da gramática, ateve-se à linguagem "pedestre" dos escolásticos – mesmo Austin, que julgava a poesia "não muito séria", ou Strawson, que rejeitava por "espúrios" (*spurious*) os poemas homéricos. Consequentemente, a preponderância da gramática sobre todas as demais disciplinas que estudam as línguas levou à separação entre linguística e filologia<sup>2</sup>, quando não à extinção desta última (como ocorreu na França, onde foram eliminadas as formações em linguística e filologia).

Como a linguística comparada trabalha sobre *corpora*, ela mantém um elo com a filologia, que os estabelece; elo necessário, a tal ponto que se veio a constituir recentemente uma filologia digital. Para a linguística comparada, a separação de fato entre linguística e literatura nada tem de necessário ou de irreversível. Louis Havet, por exemplo, declarava em 1922: "Na realidade, as Letras (sob seu aspecto, temos de admiti-lo, menos familiar ao vulgo) constituem matéria de ciência na acepção da palavra. O que define a ciência é a lógica, o método, e não o objeto" (1922, p. 4).

O estruturalismo saussuriano é uma autorreflexão da linguística histórica e comparada. Os múltiplos centros estruturalistas (Moscou, Leningrado, Praga, Copenhague, Paris) privilegiaram sempre os textos: é uma constante em todos os núcleos do estruturalismo, desde os formalistas russos (oriundos da Sociedade para o estudo da linguagem poética - OPOIAZ, de São Petersburgo, e do Círculo Linguístico de Moscou) até o Círculo de Praga (cf. Mukarovsky). Todos os grandes linguistas trabalham sobre textos literários, do Saussure dos *Nibelungen* e, sobretudo, dos poemas homéricos, ao Jakobson do ciclo épico russo.

Paralelamente, Cassirer parte das ciências da cultura para propor uma definição morfológica da estrutura, passando em seguida (após o estudo da linguística histórica e comparativa no primeiro tomo de sua *Filosofia das formas simbólicas*) a uma teoria das formas simbólicas (instituições como a linguagem, a arte, o Direito) que vai ao encontro da semiologia geral de Saussure. Desde o período entre-guerras, portanto, muitos foram os trabalhos linguísticos de alto gabarito que tomaram por objeto a literatura, do mesmo modo como o faziam, entre as décadas de 1950 e 1970, os estudos filiados ao estruturalismo. Hoje em dia, a linguística de *corpus* e as humanidades digitais estão reatando laços com a filologia e a hermenêutica material.

<sup>2</sup> Já em seu tempo, Raoul de La Grasserie sustentava que a filologia estuda a língua literária e a linguística, por sua vez, as línguas (cf. *De la classification objective et subjective des arts, des sciences et des lettres*, Paris, Alcan, 1893).

A linguística não postula qualquer excepcionalidade da literatura, mas reconhece uma diversidade que toma como objeto. Cada discurso decide, na prática, suas normas; as regras da língua nada mais são do que normas transdiscursivas. Seria ilusório, por isso, definir a literatura como desvio frente a uma linguagem comum, a qual, pelo menos em meu entender, não é menos misteriosa que ela. A linguagem comum também se divide em patamares normativos, gêneros, discursos: tanto a ciência quanto a literatura possuem sua "linguagem comum", com seu jargão repleto de estereótipos, o da ciência normal e o dos *best-sellers* de rodoviária.

As diferenças entre discursos, bem como entre textos, convidam-nos a desenhar com maior precisão a relação entre regra e exceção, correlacionando-as à dualidade saussuriana da língua e da fala. A regra resume uma regularidade frequente nos usos da língua em dado momento histórico: é uma norma dominante. Visto que ela não pode jamais aplicar-se por toda parte, a exceção revela a norma, sem contudo invalidá-la; ela só a confirma *a contrario*, ao mesmo tempo que contribui para sua evolução.

A linguagem literária não transgredir as regras senão sob o ponto de vista da gramática normativa. Sob o ponto de vista mais abrangente da linguística descritiva, ela é apenas um uso que define um discurso, não havendo em sua contínua elaboração nada de transgressor, em que pesem as pretensões de um certo satanismo pós-romântico. Todo emprego da língua, de fato, a modifica potencialmente.

O discurso científico, aliás, ao instaurar suas normas, não é menos transformador dos hábitos; mas, diante de outros discursos, religioso, jurídico, científico, etc., a literatura tem a peculiaridade de jogar com suas próprias normas, de problematizá-las, fazendo-as variar de maneira crítica. Por isso é que se pode fazer a caracterização dos estilos autorais, que seriam normas paradoxalmente "idioletais", bem como dos estilos de obras que manifestam projetos artísticos singulares. Assim, o escritor cria sua língua, ou, melhor dizendo, concretiza a cada obra um estado possível da língua. Édouard Glissant, por exemplo, atribuía-se as seguintes tarefas: "estabelecer a lista dessas tantas palavras em nós cujo sentido nos foge, ou, mais além, fixar a sintaxe daquilo que balbuciamos" (cf. 1975, p. 231).

Por refletir criticamente o uso da língua, a criação nas artes da linguagem precede, com outros meios e metas, a reflexão crítica que comanda a descrição científica. Reconhecer tal fato, porém, não equivale a preconizar um conhecimento poético, nem tampouco – o que seria ainda pior – uma poetização da ciência.

### 3. Estudo das obras e elementos de *operática*

*Revisão* – Em compensação, é necessária uma revisão e talvez mesmo uma refundação da gramática. Não mais apoiada em categorias (etnocêntricas, diga-se de passagem) como as "partes do discurso" ou *parts of speech*, onipresentes nos processamentos automáticos da linguagem e nas ontologias como a da "Web semântica", mas em unidades fundamentais descobertas há bastante tempo pela linguística, como o morfema ou o fonema, e sem esquecer o essencial: as formas semânticas, tais como os temas, e expressivas, tais como as curvas entoativas. Mesmo as relações sintáticas devem ser redefinidas, como fez Lucien Tesnière com a teoria da translação. Por exemplo, a noção de "regência" torna-se problemática: o verbo deixa de ser o "rei" da frase, capaz de *regê-la*; do contrário, o que faríamos com as línguas desprovidas de oposição verbo-nominal?

Toda palavra, toda frase é um fragmento de texto e a linguística de *corpus* permite, hoje em dia, não validar as gramáticas formais, e sim revelar sua pouca utilidade. Daí, por exemplo, nos processamentos automáticos da linguagem, o pungente insucesso do chomskianismo, fundamentado em formalismos deterministas e desconhecedor dos próprios conceitos de texto e de *corpus*; por esse motivo, ainda em 1999, Chomsky declarava que "a linguística de *corpus* não existe". A fim de atender às demandas sociais, outros tipos de formalismos, probabilistas – e não apenas com base na probabilidade de frequência, mas também na bayesiana – impuseram-se com a inteligência artificial de tradição conexionista.

*Gêneses* - A literatura e as artes da linguagem valem-se do material linguístico para inovar incessantemente, para criar formas inéditas, muitas vezes lançando mão de uma pluralidade semiótica, como o canto e a caligrafia no caso da poesia.

A gênese ininterrupta dos signos perpetua a das línguas. Dado que o homem não possui linguagem inata, as línguas são obra nossa e as artes da linguagem as imortalizam, reelaborando-as. As fórmulas cristalizadas, como as expressões idiomáticas em quatro caracteres (*chengyu*) do chinês, remetem a obras antigas que assim se incorporaram à língua. Os signos são fragmentos de textos e, por vezes, trechos de obras ou vestígios de mitos. Dentre os inumeráveis signos que se criam a cada dia não subsistirão senão aqueles que aparecerem em textos, orais ou escritos, considerados memoráveis.

Em suma, as línguas são obras a partir das quais criamos outras obras. É largamente difundida a consciência da exemplaridade das obras: textos religiosos, míticos, poéticos, são valorizados, lembrados, transmitidos. Mas, nos dias atuais, a concepção *operática*<sup>3</sup> das línguas tem sido negligenciada, por força das

<sup>3</sup> Retomo, com outra acepção, esse neologismo de Rimbaud.

especulações neodarwinianas sobre a origem da linguagem – problema completamente diferente e, por sinal, equivocado.

A "matéria" linguística não é nem neutra, nem uniforme: é um campo saturado onde o artista provoca, explora e pensa certas "enformações"<sup>4</sup>. Resumidamente, a gênese dos signos pela semiose particular dos textos prolonga e concretiza a da língua<sup>5</sup>. Sendo do âmbito de uma praxeologia, essa dimensão não foi ponderada pela tradição gramatical; ademais, a permanência das ontologias filosóficas na linguística contemporânea inibiu maiores avanços. A pragmática interessou-se, é verdade, pela questão do que se faz com a língua, mas não pela questão de *como* a fazemos.

Com objetivos e métodos distintos, a arte da linguagem e a ciência da linguagem elaboram pontos de vista complementares, de que dão testemunho os empréstimos recíprocos entre linguistas, por um lado, analistas e críticos da literatura, por outro. Além do mais, os linguistas encontram na literatura novos observáveis e uma crítica silenciosa de suas esquematizações simplificadoras: cabe a eles encarar tal desafio e mostrar-se capazes de aprender com as obras.

Em contrapartida, muitos escritores, de Stéphane Mallarmé a Italo Calvino e Claude Simon, demonstram um conhecimento teórico que se reflete em sua prática criadora. Linguistas e criadores a um só tempo, os tradutores literários concretizam com tanta justeza essa complementaridade que a tradutologia bem pode vir a tornar-se um ponto de encontro estratégico entre linguística e literatura.

O estudo das obras literárias deve remontar dos textos até sua elaboração. Eis uma tarefa primordial da hermenêutica material ou filológica, que se articula em dois momentos:

(i) de um lado, as obras elucidam os textos. Pode-se reconhecer que a *operática*, o estudo das obras, permite discernir operações linguísticas não catalogadas. Não é preciso supor que a linguagem dita cotidiana seja mera secularização da linguagem dos deuses para admitir, pelo menos, que suas constantes repetições evocam ritualizações estereotipadas sobre as quais se apoia a ordem social em suas diversas instituições;

(ii) de outro, os textos esclarecem a elaboração das unidades inferiores, por repetição, cristalização, erosão, emudecimento. Uma palavra é apenas, poderíamos dizer, um fragmento de mito. Ao sublinhar isso, não estamos retomando a tese de Vico, que sustentava uma origem poética da linguagem. A linguagem não possui origem, pois ela se acha sempre em evolução: tanto a

---

<sup>4</sup> [N. do T.] No original, "des prises de forme". A ideia é a da passagem de algo amorfo a algo estruturado, "en-formado".

<sup>5</sup> Como a discussão deste ponto excede os limites do presente trabalho, permito-me remeter a Rastier (2016b).

evolução darwiniana de nossa espécie, que lhe desenvolveu os substratos anatômicos, quanto a evolução lamarckiana de nossas sociedades, a qual determina nossa epigênese e, em decorrência dela, o que podemos chamar de somatização da transmissão semiótica.

Lembremos, por fim, em contraposição ao princípio fregeano de composicionalidade, que não se passa do simples ao complexo; nas ciências da cultura, é quando levamos em consideração a complexidade que podemos, então, determinar as grandezas e os traços pertinentes.

#### 4. Direções e agenda

Se os estudos literários rompessem com a investigação científica sobre as línguas e os textos, acabariam pondo-se na situação pouco invejável de uma musicologia sem acústica e sem estudo dos instrumentos ou, ainda, de uma filosofia da natureza que ignorasse tudo da física.

A linguística, por sua vez, requer ambição; o interesse que ela ainda suscitava, não muito tempo atrás, foi decrescendo em razão direta de sua dispersão em modelos parciais. Cumpre-lhe enfrentar os desafios lançados pela literatura, em seu próprio nível de análise e sem ter a pretensão de suplantar as disciplinas propriamente literárias. Por exemplo, o trabalho de caracterização, tal como as diferenciações entre *Madame Bovary* e *Bouvard et Pécuchet*, tarefas trivialmente fundamentais para os estudos literários, continua a ser subestimado na linguística. Vejamos quatro desses desafios.

(i) *Reatar laços com a filologia*. Sendo a palavra ou a frase isolada puros artefatos, o desafio filológico deve ser assumido, pois os textos orais e escritos são o objeto empírico da linguística e, ao mesmo tempo, seu objeto de conhecimento. A filologia nos lembra que nada é insignificante, que todo detalhe é pertinente. Num ateliê de leitura com um amigo, tivemos uma discordância sobre certa fábula de La Fontaine: investigando, descobrimos uma "ínfima" diferença de pontuação em nossas respectivas edições, o bastante para transformar em profundidade a estrutura narrativa. E, contudo, nenhuma gramática formal diz coisa alguma sobre a pontuação, que em qualquer texto forma um quinto dos caracteres utilizados. Com os meios para gravação, a filologia estendeu-se, na prática, à oralidade, e o florescimento da linguística de *corpus* acompanhou a instauração de uma filologia digital (Rastier 2001, cap. 2).

(ii) *Repensar a semiose*. A língua não é um repositório de signos já portadores de seu sentido, como demonstra a insolúvel questão da polissemia, descaracterizada já em suas bases pela imagem lexicográfica do idioma. A semiose não está codificada na língua. Se a língua propõe ou até impõe condições sempre necessárias, estas não são jamais suficientes para realizar a semiose, constituição

singular e a cada vez renovada de signos em contexto – contexto que abarca o texto e também o *corpus*.

As chamadas peculiaridades "formais" da poesia, e em especial a rima, o metro, o verso, a estrofe, fornecem múltiplos meios para inovações semióticas. Isso pode ser estendido a toda literatura "com restrições de escrita" – todas elas as têm, pois uma literatura torna-se criativa na proporção mesma das coerções éticas e estéticas que se impõe. A qualidade principal do escritor não é a imaginação, substituto romântico da antiga inspiração, mas sim, em função de um determinado projeto ético e estético, a capacidade de servir-se dos mínimos incidentes da matéria linguística para obter formas sempre renovadas e sempre impremeditadas.

A experimentação semiótica própria à literatura encerra lições primordiais. Assim como os pintores mantêm-se à frente dos teóricos da óptica, os escritores não raro antecedem os linguistas, para quem os traços de elaboração das obras são, ou deveriam ser, observáveis reveladores. Sua tomada em consideração poderia subsidiar um aprofundamento da reflexão sobre a semiose, contribuindo para uma refundação da linguística. É certo que a semiótica representou, no projeto saussuriano, uma extensão da linguística; já é tempo, entretanto, de preparar em contrapartida uma *reconcepção semiótica* da linguística, que não pode se contentar com o apócrifo signo "saussuriano" do *Curso de Linguística Geral* e deve reconhecer a heterogeneidade semiótica das línguas e dos textos (Rastier 2015). Para tal reconcepção, o estudo das artes da linguagem assume evidente importância.

(iii) *Levar em conta a interação das línguas*. A literatura permite, a um só tempo, ampliar e relativizar o conceito de língua. Os nacionalismos de outrora tentavam aprisionar a língua no interior de fronteiras, fazer dela a expressão da "visão de mundo" de um povo, ainda que para tanto fosse preciso normatizá-la e até inventar-lhe uma origem ilusória.

Ora, as línguas não são, de modo algum, insularidades; os fenômenos de difusão estudados pela geografia linguística envolvem todos os seus níveis de análise, pois toda obra guarda em si a presença de outras, remanejando originais ou traduções – as quais, de resto, acabam também formando obras e contribuindo para a renovação da língua. Nos dias de hoje, o universalismo das gramáticas formais já deveria ter sido superado pelo cosmopolitismo racional que inspirou a fundação das ciências da cultura. O exemplo da literatura nos estimula a reafirmar o princípio comparatista, que, ao fornecer à linguística sua base empírica, permitiu que ela se emancipasse, infelizmente não de maneira definitiva, de preconceitos milenares da filosofia da linguagem.

(iv) *Problematizar a interpretação*. Estabelecida a semiose, sua interpretação pode ser concebida como um reconhecimento de formas. Como a repetição é

impossível, todo emprego de uma palavra é um *hápax*; afinal, cada contexto, por mais previsível, é sempre novo. A interpretação requalifica, portanto, cada signo a partir do zero, nem sempre podendo estabilizar-se, aliás. Assim é que ela vem se inserir no curso de uma semiose ilimitada *a priori*.

Em 1956, Chomsky afirmava que a interpretação nada mais é do que um decalque da geração; por isso, na prática, podia ser excluída – no que foi seguido por várias gerações de linguistas. Todos os textos, e em primeiro lugar as obras literárias, colocam, no entanto, problemas essenciais de interpretação, que não se deixam, em absoluto, resolver pela composicionalidade lógico-sintática. A linguística de *corpus* e o advento da Web multilíngue, entre outras coisas, convidam-nos a alargar o campo daquilo que Schleiermacher já chamava de *hermenêutica material*, hermenêutica não-literalista, porém rigorosamente atenta à letra.

Importa, hoje em dia, substituir a dualidade entre gramática e filosofia da linguagem por uma dualidade entre linguística geral e comparada, de uma parte, e filosofia das formas simbólicas, de outra. Os projetos complementares de uma semiologia geral (em Saussure) e de uma filosofia das formas simbólicas (em Cassirer) podem, transcorrido um século de desenvolvimento das pesquisas estruturais e morfológicas, articular-se numa semiótica das culturas concebida como teoria descritiva das instituições simbólicas (linguagem, arte, Direito, técnica, ciência, etc.). Sendo um conjunto aberto, o elenco dessas instituições e de suas articulações varia conforme as culturas.

A literatura permite descobrir a língua, dá a ver seus poderes; juntas, as diferenças de tons, registros, idiomatismos, léxico, abrem um universo de efeitos de sentido desconhecidos nos demais usos, cotidianos ou não, aos quais nenhum curso de língua pode se limitar sem abrir mão de despertar a curiosidade ou, no mínimo, o desejo de aprender.

Além da abertura para tal diversidade interna da língua, o estudo da literatura faz-nos vislumbrar a diversidade dos idiomas, pois as obras dialogam sem cessar no intertexto multilíngue da literatura internacional, fazendo discretamente de seu leitor um cidadão do mundo, o que não deixa de ter seu interesse para públicos desunidos pelas correntes identitárias.

Isso levanta uma questão emancipatória e, também, democrática. A liberdade assumida pelo artista permite que a obra se torne um acontecimento, alimentando um contraste com a monotonia da rotina cotidiana. Ela pode, desse modo, vir a transformar-se num exemplo libertador diante dos preconceitos que obscurecem todas as mentes. Como as demais ciências e artes, a linguística e a literatura compartilham, de fato, cada qual em seu campo, uma dimensão crítica frente aos estereótipos e preconceitos. Em condições renovadas, reencontramos assim o projeto das Luzes, desde a Enciclopédia até as ciências da cultura de hoje:

mais ainda do que reconciliar duas culturas acadêmicas, a científica e a literária, há tempos arbitrariamente separadas, é preciso reconciliar a cultura mundial consigo mesma, para além das ideologias identitárias e dos entrincheiramentos nacionalistas<sup>6</sup>. ●

---

## Referências

- CHOMSKY, Noam. *La linguistique cartésienne*. Paris : Seuil, 1966.
- CHOMSKY, Noam. La connaissance du langage. *Communications*, 40 (1984). p. 7-34.
- GLISSANT, Édouard. *Malemort*. Paris : Gallimard, 1975.
- HAVET, Louis. *Célébration du cinquantenaire de l'École Pratique des Hautes Études*. Paris : Champion, 1922.
- LA GRASSERIE, Raoul de. *De la classification objective et subjective des arts, des sciences et des lettres*. Paris : Alcan, 1893.
- RASTIER, François. *Sémantique interprétative*. Paris : PUF, 1987.
- RASTIER, François. *Ulysse à Auschwitz. Primo Levi, le survivant*. Paris : Cerf, 2005.
- RASTIER, François. *Saussure au futur*. Paris : Les Belles-Lettres/Encre marine, 2015.
- RASTIER, François. *Créer : image, langage, virtuel*. Paris/Madrid : Casimiro, 2016a.
- RASTIER, François. *Sens et textualité*. Limoges : Lambert-Lucas (deuxième édition augmentée), 2016b.
- RASTIER, François. *Mondes à l'envers. De Chamfort à Samuel Beckett*. Paris : Garnier, 2018.
- RASTIER, François. *Exterminations et littérature. Les témoignages inconcevables*. Paris : PUF, 2019.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Paris : Gallimard, 2002.

---

<sup>6</sup> As reflexões aqui apresentadas fundamentam-se em diversas obras de análise literária (Rastier 2005, 2016a, 2018, 2019), cuja discussão ultrapassaria os limites do presente trabalho.

**Abstract:** Although the description of literature does not belong to the grammatical tradition, since the advent of linguistics, two centuries ago, the science of language and the science of literature met in the field of cultural sciences. Their meeting, however, was to be neglected later in the formal grammars and in orthodox cognitivism. Yet the semiotics of cultures relies on theoretical achievements resulting from the development of a comparative method within structuralism. It is therefore possible to conceive a linguistics of texts that extends into a science of works. Linguistic and literary studies undoubtedly have much to learn from their interactions within the broad field of cultural sciences.

**Keywords:** comparative linguistics; literature; structuralism; grammar; semiosis; semiotics of cultures.

---

#### Como citar este artigo

RASTIER, François. Linguística e Ciência da Literatura. *Estudos Semióticos* [online], volume 16, número 2. São Paulo, outubro de 2020. p. 1-12. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

#### How to cite this paper

RASTIER, François. Linguística e Ciência da Literatura. *Estudos Semióticos* [online], vol. 16.2. São Paulo, october 2020, p. 1-12. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: year/month/day.

---

Data de recebimento: 23/06/2020.

Data de aprovação: 10/08/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

